

# O DESPORTO COMO CAMPO DE VIVÊNCIA SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA NO HANDEBOL

SPORTS AS A FIELD OF SOCIAL MODE OF LIFE: AN EXPERIENCE IN HANDBALL

Dourivaldo Teixeira\*

---

## RESUMO

Este estudo apresenta uma investigação sobre o nível de aprendizagem sócio-motora de alunos-atleta de handebol, com idade entre 12 e 13 anos, do sexo masculino, submetidos, de forma comparativa, aos métodos Funcional/Integrativo e Tradicional. Tem como objetivo apontar uma opção metodológica para a aprendizagem esportiva e, mais especificamente, verificar e comparar o nível de interação sócio-motora dos praticantes submetidos a essas metodologias. Concluiu-se que o handebol é uma atividade esportiva importante para a vivência social e que a metodologia Funcional Integrativa ofereceu maior possibilidade de interação social que a metodologia Tradicional, favorecendo a aprendizagem sócio-motora dos praticantes.

**Palavras-chave:** aprendizagem sócio-motora, interação, prática esportiva.

---

## INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, observa-se uma total sofisticação do ser humano. As tecnologias têm derrubado fronteiras em todas as áreas do conhecimento. A Educação Física tenta acompanhar essa evolução, buscando proporcionar melhorias na qualidade de vida do ser humano e, com isso, tem incrementado suas influências, principalmente na formação social dos indivíduos. Dada a sua incumbência pedagógica, a Educação Física apresenta um programa bastante abrangente. A essência desse está na utilização do "movimento humano" geral e irrestrito, dentro da cultura corporal de movimentos, que contempla os movimentos nos esportes, quer seja em competições de alto nível, quer em atividades simplificadas, recreativas e educativas.

O interesse sobre o potencial do desporto para a formação do indivíduo tem aumentado nos últimos anos, instigando muitos estudiosos. Especificamente no handebol, já podemos encontrar alguns autores estrangeiros que, a exemplo de Kasler (1978) e de Martini (1980), traçam propostas planejadas e organizadas de acordo com o desenvolvimento do indivíduo.

Em nossa realidade, entretanto, praticamente nada se fez. Autores brasileiros, como Simões [199?] e Mechia (1981), simplesmente apresentam uma proposta descritiva da técnica, da tática e cópia das regras de jogo, sem maiores reflexões e sem opções metodológicas representativas para a realidade dos praticantes. Essa carência de conhecimentos sobre os conteúdos esportivos, em especial sobre o handebol, vem dificultar a atuação dos profissionais especializados e, por consequência, influencia negativamente a formação de novos profissionais.

O problema da formação do 'futuro' jogador de handebol está na postura e na metodologia apresentadas pelos profissionais. Esses buscam introduzir, forçosa e inconscientemente, técnicas e táticas desvinculadas de suas características gerais e específicas, dificultando a formação integral e prejudicando sua especialização desportiva. A formação do praticante através do desporto deve respeitar os estágios de desenvolvimento e de maturação, não se restringindo à motricidade específica; deve visar a melhorias da condição física e fisiológica, como também da afetividade, da intelectualidade, da criticidade, da sociabilidade

---

\* Professor Mestre do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.

e da criatividade, para que ele consiga avançar rumo à aprendizagem social.

Intentamos investigar o nível de aprendizagem sócio-motora de alunos/atletas de handebol, com idade entre 12 e 13 anos, do sexo masculino, submetidos, de forma comparativa, aos métodos Funcional Integrativo (organização conjunta professor/técnico e alunos/atletas dos jogos como campo de vivência, experiência e reflexão) e Tradicional (base nos métodos Parcial, Global e Misto).

Com base nos objetivos propostos, lançamos a hipótese norteadora do estudo: os praticantes de handebol submetidos ao treinamento com o método Funcional Integrativo podem apresentar melhores resultados do que aqueles submetidos ao treinamento com o método Tradicional, dentro do processo de ensino-aprendizagem, nos aspectos que compreendem a interação sócio-motora.

## QUADRO TEÓRICO

### Interação sócio-motora

Bracht (1992, p. 75) atribui a obtenção da socialização para o desempenho de determinado papel social às capacidades (habilidades) físicas e sociais, que podem ser aprendidas em qualquer instituição social, cita Dietrich (1974), para ressaltar a importância que é legada aos jogos de movimentos na formação social dos praticantes. Cita também Parlebas (1980), para referir-se à grande influência que as regras do jogo - normas da competição e da concorrência - imprimem ao comportamento motor.

Segundo Pereira (1990, p.30), "o desenvolvimento sócio-motor tem sido consensualmente definido como uma aquisição progressiva da interação com os outros, nas atividades físicas e desportivas de grupo". Esse autor cita Wallon (1981), o qual, buscando a gênese do desenvolvimento sócio-motor, afirma que "desde as primeiras semanas e desde os primeiros dias, constituem-se encadeamentos, donde surgirão as bases das relações interindividuais". Essas relações, para Samulski (1986), citado por Pereira (1990, p. 30), serão incrementadas numa perspectiva pedagógica através da competência pessoal, da competência para a adaptação ao meio ambiente e da

competência social. Essa socialização através do movimento e para o movimento pode ser possibilitada a cada instante do desenvolvimento do indivíduo.

### Conteúdo programático do Handebol

A escolha do handebol como prática permanente deverá ser definida por meio da experiência do aluno/atleta na modalidade. Isso não deverá fazer-nos esquecer de que a globalidade e a diversidade das ações solicitadas durante essa experiencição requerem uma prática multiforme e polivalente. Para atingir essas finalidades, propomos um programa (quadro 1) a ser desenvolvido durante o período de treinamento (GC e GE, "A" e "B"), salvaguardando as características de cada método.

**Quadro 1** - Etapas a serem desenvolvidas no jogo de handebol e seus respectivos conteúdos.

Etapas	Situação de jogo	Conteúdo – técnica de jogo
1-	→Jogo ofensivo	- posição de expectativa; adaptação à bola; progressões/exploração espacial.
	→Jogo defensivo	- posição de expectativa; deslocamentos defensivos; acompanhamento bola correspondente.
2-	→Jogo ofensivo	- passe e recepção; arremesso apoiado; arremesso em suspensão; mudança de sentido e direção.
	→Jogo defensivo	- interceptação da bola; bloqueio da bola; disputa pela bola; contato com o atacante.
3-	→Jogo ofensivo	- trajetórias; fintas; jogo orientado; jogo propriamente dito.
	→Jogo defensivo	-ajuda ao companheiro; jogo orientado; jogo oficial.

### Análise dos métodos

a) Método Funcional Integrativo (M.F.I.): metodologia experimentada por Bracht (1983) e apresentada em tese de mestrado, que tratava da "Educação Física escolar como campo de vivência social e de formação de atitudes favoráveis à prática do Desporto". Com base em autores como Dietrich *et al.* (1978) e Rothemberg (1976), fundamentou-se Bracht (1983, p. 11) "no conceito recreativo de educação do gesto desportivo, que propõe o ensino dos desportos através de séries metodológicas de jogos" e destacou Knut Dietrich (1975) o qual, em sua análise da interação nos jogos

desportivos, coloca que, para ocorrer aprendizagem social, não podemos, simplesmente, impor aos alunos um jogo ou um desporto previamente normatizado e regulamentado. Mais importante é utilizar esse momento para oferecer condições de interações, de discussões e de reflexões, a partir **de** e **para** sua própria realidade. Assim, a abertura proporcionada ao aluno no planejamento, na organização e na regulamentação dos jogos identifica uma concepção de ensino aberto (HILDEBRANDT; LAGING, 1986, p.11). Nessa, nos momentos de reflexões, procura-se a participação de todos, independentemente das características individuais, levando a uma formação desportiva específica no handebol mais consciente, crítica e criativa. Essa metodologia preconiza a formação desportiva através de jogos recreativos com regras simplificadas, que poderão ser modificadas, a partir da ação dos praticantes. Elabora-se uma série metodológica de jogos (BRACHT, 1983) com uma seqüência pedagógica, objetivando a aprendizagem do handebol (regras oficiais). Nessa seqüência, existem algumas lacunas a serem preenchidas através do diálogo entre os envolvidos (praticantes/professor-técnico). Cria-se outra série de jogos (série paralela), objetivando assegurar a performance específica no handebol, praticando e aprimorando os fundamentos e as situações de jogo mais específicas. Essa série é elaborada pelos praticantes e/ou professor/técnico, assegurando que pontos negativos ou positivos sejam ressaltados e corrigidos ou aprimorados, a partir de uma prática global, prazerosa e consciente. Ao contrário de uma concepção de ensino centralizada no professor-técnico, essa metodologia busca colocar o praticante numa condição de co-decisão, isto é, de participação nas "decisões, na orientação de objetivos, de conteúdo, de organização, de transmissão ou de outros aspectos" (HILDEBRANDT; LAGING, 1986, p.11).

- b) Método Tradicional (M.T.): para Bracht (1983, p.12), "a metodologia tradicional é a que vem sendo utilizada comumente nas

aulas de Educação Física escolar". Enfatizamos tal afirmação e apontamos que, na formação desportiva especializada, faz-se uso, preponderantemente, dessa metodologia. Xavier (1986, p. 69) respaldanos, demonstrando que o handebol é ensinado e aprendido no método parcial, através da prática separada de seus fundamentos e, após o domínio desses, o jogo propriamente dito é desenvolvido ou praticado. No método global, na sua forma global e final, ou seja, sem preparação prévia, o handebol olímpico é trazido aos praticantes, os quais assumem esse modelo. No método misto, combinamos os dois métodos, partindo da ação global para as partes e, destas, retornando àquela. Em todos esses casos, a ação do professor visa à aprendizagem de destrezas, ou seja, dos gestos técnicos (BRACHT, 1992, p. 83).

#### METODOLOGIA DA PESQUISA

Consideramos este estudo dentro do campo da educação. Assim, recorremos a Triviños (1987) para caracterizá-lo como descritivo. Como população, podem-se considerar todos os praticantes de handebol, que apresentarem as características descritas na amostra. A amostra foi constituída de forma intencional por escolares do sexo masculino, com idade entre 12 e 13 anos, que praticavam handebol no Sesi (Serviço Social da Indústria), no Colégio Santa Cruz e no Colégio Marista de Maringá-PR. O Grupo Experimental foi composto pelos praticantes do Sesi e o Grupo de Controle foi composto pelos praticantes dos Colégio Santa Cruz (G.C. "A") e Marista (G.C. "B").

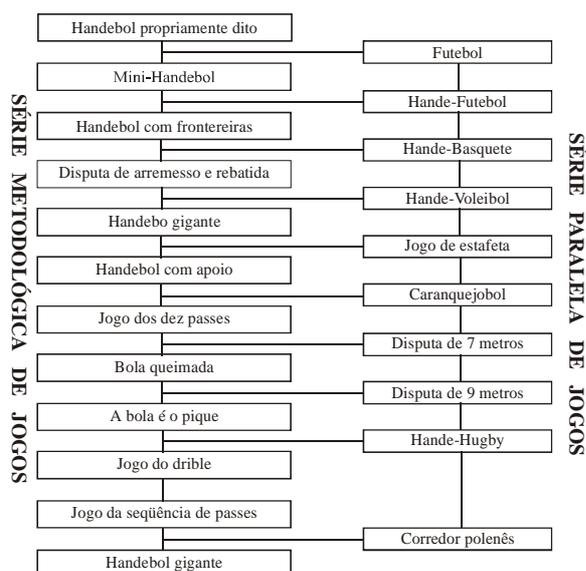
Utilizou-se, como instrumento, o Sistema de Registro de Comportamentos de Interação Social (Sircis), adaptado de Bracht (1983, p. 80), que se compõe de uma ficha na qual observadores (nove acadêmicos de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá), previamente treinados, realizaram registros dos comportamentos nas categorias: 1-nível de participação; 2-contatos sociais; 3-formação de subgrupos; 4-participação na resolução de problemas; 5-aceitação da mudança de regras; 6-mudança de regras e expressão de idéias. Os dados foram coletados em observações realizadas

nos meses de agosto, de outubro e de novembro/93, respectivamente, em uma sessão de treinamento por aluno em cada uma das etapas.

## ANÁLISES E DISCUSSÕES

### Relato sucinto dos treinos realizados com o M.F.I.

- Tema geral: abordagem do conteúdo técnico e tático do handebol, favorecendo à emergência de comportamentos de interação social.
- Objetivos: possibilitar aos praticantes a participação ativa na resolução dos conflitos, a expressão de idéias para as atividades, a análise crítica e a decisão em grupo de possíveis mudanças nas regras, a contribuição efetiva no planejamento dos treinos; propiciar a satisfação das necessidades lúdicas e de movimentos, facilitando a participação criativa e autônoma nos jogos; subsidiar a aprendizagem e a prática das técnicas e das táticas de forma livre, espontânea, lúdica, reflexiva e consciente.
- Conteúdo: constou de uma série inicial de jogos, tendo como jogo final o handebol. Partindo dessa série inicial, procuramos abordar, de forma indireta, os conteúdos do handebol (quadro 1), movidos pelos objetivos propostos no item “b”. Desenvolvemos os treinos de acordo com MFI, havendo re-planejamentos conjuntos entre praticantes e professor/técnico e chegamos à série metodológica de jogos prevista na figura 1.



**Figura 1** - Série metodológica de jogos resultante a partir da série inicial e do processo de treinamento.

- Estrutura da sessão de treino: 1º- planejar; 2º- realizar o jogo escolhido; 3º- paralisar o jogo para discussão, refletir e propor possíveis alterações; 4º- praticar as alterações sugeridas; 5º- avaliar e planejar o próximo treino.
- Procedimentos do professor/técnico: o professor/técnico teve como ‘referência’ imediata a estrutura preconizada para as sessões de treinos. Tendo como base uma filosofia humanista de Educação, buscou um clima de liberdade responsável, congruência, criatividade, possibilitando condições de confiança e de otimismo. Pesando os interesses dos praticantes, mesmo implicando uma maior flexibilização do conteúdo, procurou sempre: 1- incentivar os praticantes, principalmente através da abertura e de orientações, possibilitando-lhes participação no planejamento; 2- estimular a expressão de idéias para a realização e a modificação dos jogos ou das atividades; 3- conduzir as reflexões e as discussões no sentido de perceber a importância da participação de todos nos jogos ou nas atividades, a possibilidade e a necessidade de alterar as regras, a necessidade de se conseguir um ambiente agradável, cooperativo e de companheirismo; 4- colocar as idéias expressas à apreciação do grupo; 5- levar à re-organização e à avaliação das atividades; 6- refletir a importância de disciplina funcional, procurando espontaneidade, ao invés de imposição; 7- abordar com reflexão os conteúdos técnicos, táticos e de preparação física; 8- descentralizar ao máximo as decisões sobre conteúdos e atividades.

### Relato sucinto dos treinos realizados com o M.T.

**G. C. "A"** (Colégio Santa Cruz) e **G. C. "B"** (Colégio Marista)

- Tema geral: a formação técnica e tática do handebol.
- Objetivos: proporcionar a aprendizagem dos elementos técnicos e táticos individuais e coletivos, conforme quadro 1; aperfeiçoar as técnicas e as táticas individuais, bem como a técnica coletiva, conforme quadro 1; participar de competições escolares.

- c) Conteúdo: técnica de base, passar, receber, driblar, arremessar, bloquear, deslocar-se defensivamente, deslocar-se ofensivamente, contra-atacar, retorno defensivo, pegada defensiva etc.; treinamentos do goleiro, buscando a aprendizagem e o aperfeiçoamento da posição básica, defesa baixa/média/alta, deslocamentos no gol, lançamentos de contra-ataque etc.; situações táticas pré-elaboradas com 2, 3, 4, 5 e 6 praticantes; jogo de handebol, meia quadra/quadra toda; jogos treinos.
- d) Estrutura das sessões de treino:

#### G.C. "B"

Parte inicial: o professor/técnico passava informações gerais.

Desenvolvimento: o professor/técnico dirigia as atividades, iniciando com um jogo, na maioria das vezes, determinado por ele (os praticantes solicitavam jogar futebol, no que raramente eram atendidos). O controle do treinamento era assumido integralmente pelo professor/técnico, que aplicava processos pedagógicos, educativos e exercícios, enfocando os elementos técnicos/táticos. Concluía-se essa parte com um jogo de handebol, enfocando os conteúdos praticados. Essa seqüência identifica a opção pelo método misto.

Parte final: considerações finais sobre o treino.

#### G.C. "A"

Parte inicial: professor/técnico passava informações gerais;

Desenvolvimento: o professor/técnico solicitava ações variadas dos praticantes, sempre em situações simuladas de jogo e através de educativos e processos pedagógicos, fragmentando o conteúdo (método parcial). Os praticantes procuravam desenvolver suas tarefas o mais rápido e corretamente possível; sempre sob comando, iniciavam, paravam, mudavam de atividade.

Parte final: professor/técnico avaliava o treino.

- e) Procedimentos do professor/técnico:

#### G.C. "A"

Centralizava o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação do treino em sua pessoa; não possibilitava aos praticantes participações criativas; dirigia todas as

atividades; não aproveitava os raros conflitos existentes para trabalhar a noção de reflexão e de crítica; externava sua sanção disciplinar sem mais; não interrompia os treinos para as possíveis discussões e reflexões; na maioria das vezes, interferia nos erros através de explicações técnicas, quando não aos gritos de longa distância; não possibilitava aos praticantes condições para expressarem suas idéias; não possibilitava propostas de mudanças das regras nas atividades e nos jogos; criava, nos treinos, o ambiente da competição com seus possíveis adversários.

#### G.C. "B"

Centralizava em si o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação; não possibilitava a participação criativa, estabelecia e dirigia todas as atividades; aceitava somente sugestões sobre a prática de outros jogos (ex. futebol) como preparação para as atividades principais; não interrompia o treino para possíveis reflexões; na maioria das vezes, corrigia os erros através de explicações técnicas, táticas e colocações comparativas e conclusivas; não dava espaço e nem possibilidades para os praticantes expressarem suas idéias, quando estes o faziam, faziam-no de forma indisciplinada, demonstrando a certeza de não serem aceitas; não buscava refletir criticamente as regras do jogo, qualquer alteração sempre partia de si mesmo em detrimento da participação dos praticantes; nas atividades ministradas, simulava situações do handebol, exceto no jogo de futebol tão esperado; definia a formação dos subgrupos. Este grupo apresentou um nível de dispersão elevada, impedindo a participação em algumas atividades.

### RESULTADOS ENTRE OS GRUPOS POR CATEGORIA DE COMPORTAMENTO

**Tabela 1** - Incidência total dos comportamentos (+), (0) e (-) na categoria 1- Nível de Participação nas três etapas de observações e registros.

Dimensões	Positiva		Neutra		Negativa		Total	
	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%
MFI (GE)	335	93,0	024	6,7	001	0,3	360	100
MT (GC-A)	118	49,2	119	49,5	003	1,3	240	100
MT (GC-B)	123	51,4	106	44,4	010	4,2	239	100

Quanto ao nível de participação nos treinos, identificou-se, na tabela 1, a superioridade do Grupo Experimental (MFI) sobre os Grupos de Controle "A" e "B" (MT), o que nos indica a possibilidade do M.F.I. proporcionar aos praticantes condições favoráveis para uma participação mais positiva nos treinos de handebol.

**Tabela 2** - Incidência total dos comportamentos (+), (0) e (-) na categoria 2- Contatos Sociais nas três etapas de observações e registros.

Dimensões	Positiva		Neutra		Negativa		Total	
	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%
MFI (GE)	269	74,7	084	23,3	007	2,0	360	100
MT (GC-A)	117	48,7	119	49,6	004	1,7	240	100
MT (GC-B)	085	35,6	133	55,6	021	8,8	239	100

Em relação aos comportamentos de contatos sociais, tem-se, na tabela 2, a superioridade do grupo submetido ao método Funcional Integrativo, identificando que esse método proporcionou condições mais propícias para que contatos entre os praticantes ocorressem de forma positiva, enquanto os grupos de controle se equilibraram com maior frequência na dimensão neutra.

**Tabela 3** - Incidência total dos comportamentos (+), (0) e (-) na categoria 3- Formação de Subgrupos nas três etapas de observações e registros.

Dimensões	Positiva		Neutra		Negativa		Total	
	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%
MFI (GE)	056	69,0	024	30,0	001	1,0	081	100
MT (GC-A)	017	47,0	019	53,0	000	0,0	036	100
MT (GC-B)	021	24,7	057	67,1	007	8,2	085	100

Os índices percentuais são favoráveis ao processo de treinamento através do M.F.I. Esse método ofereceu melhores condições para a formação de subgrupos de forma espontânea, sendo que os praticantes submetidos ao método Tradicional apresentaram postura neutra, aguardando indicações, quase sempre do professor/técnico.

**Tabela 4** - Incidência total dos comportamentos (+), (0) e (-) na categoria 4- Participação na Resolução de Problemas nas três etapas de observações e registros.

Dimensões	Positiva		Neutra		Negativa		Total	
	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%
MFI (GE)	031	62,0	018	36,0	001	2,0	050	100
MT (GC-A)	032	64,0	013	26,0	005	10,0	050	100
MT (GC-B)	010	53,0	008	42,0	001	5,0	019	100

Percebemos uma diferença não significativa entre os grupos, quanto à resolução dos conflitos gerados intragrupos durante os treinos. Percebemos, também, que as frequências dos registros nessa categoria foram baixas, o que parece indicar que a democracia (MFI) e a autocracia (MT), cada uma a sua maneira, minimizam o surgimento de conflitos durante as sessões de treinos.

**Tabela 5** - Incidência total dos comportamentos (+), (0) e (-) na categoria 5- Aceitação da Mudança de Regras nas três etapas de observações e registros.

Dimensões	Positiva		Neutra		Negativa		Total	
	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%
MFI (GE)	092	67,0	041	30,0	004	3,0	137	100
MT (GC-A)	025	22,0	091	78,0	000	0,0	116	100
MT (GC-B)	017	25,0	046	69,0	004	6,0	067	100

Os percentuais mostram que o M.F.I. levou os praticantes a um nível mais elevado de comportamentos de aceitação das alterações de regras, visto que os praticantes dos Grupos de Controle "A" e "B" (MT) se posicionaram de forma neutra, demonstrando indiferença às alterações das regras durante os treinos. Tal aceitação pode ser atribuída à maior participação no processo de organização das atividades no M.F.I.

**Tabela 6** - Incidência total dos comportamentos (+), (0) e (-) na categoria 6- Mudança de Regras e Expressão de Idéias nas três etapas de observações e registros.

Dimensões	Positiva		Neutra		Negativa		Total	
	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%	Comp.	%
MFI (GE)	069	19,0	020	6,0	271	75,0	360	100
MT (GC-A)	006	2,5	000	0,0	234	97,5	240	100
MT (GC-B)	003	1,0	000	0,0	236	99,0	239	100

Identificamos baixo índice de comportamentos positivos em relação à mudança de regras e expressão de idéias, nos três grupos, e a diferença foi favorável ao MFI (G.E.). Os praticantes submetidos ao método Funcional Integrativo posicionaram-se mais positivamente frente às proposições de novas regras nas atividades e expressaram suas idéias com maior frequência do que no método Tradicional. Os altos índices de comportamentos negativos nos orientaram no sentido da falta de preparação para exercer e respeitar direitos de participação, fortalecendo, ainda mais, a necessidade de uma metodologia que privilegie esse aprendizado.

### Resultados comparativos da frequência total entre os grupos

**Tabela 7** - Incidência total de comportamentos (+), (0) e (-) no decorrer das três etapas de observações e registros desenvolvidas.

Grupos	Dimensões	1ª etapa		2ª etapa		3ª etapa		Total		Média	
		Comp	%	Comp	%	Comp	%	Comp	Comp	%	
G.E.	Positiva	278	62,3	210	61,0	364	65,0	852	284,0	62,0	
	Neutra	070	15,7	058	16,9	083	15,0	211	76,0	17,0	
	Negativa	098	22,0	076	22,1	111	20,0	285	21,0	21,0	
Total		446	100	344	100	558	100	1348	455,0	100	
G.C. "A"	Positiva	140	42,0	031	14,0	144	39,0	315	105,0	34,0	
	Neutra	104	31,0	129	59,0	128	35,0	361	120,0	39,0	
	Negativa	091	27,0	060	27,0	095	26,0	246	82,0	27,0	
Total		335	100	220	100	367	100	922	307,0	100	
G.C. "B"	Positiva	099	31,0	077	31,3	083	26,0	259	86,0	29,0	
	Neutra	122	38,0	094	38,2	134	42,0	350	117,0	40,0	
	Negativa	101	31,0	075	30,5	103	32,0	279	93,0	31,0	
Total		322	100	246	100	320	100	888	296,0	100	

O Grupo Experimental apresentou, nas três etapas de observações e registros, um nível de comportamento positivo acima dos comportamentos neutros e negativos, com elevação entre o pré e o pós-teste. Com maior equivalência quanto aos níveis de comportamentos nas três dimensões, o G.C. "A" apresentou certa alternância entre os valores de comportamentos das dimensões positiva, neutra e negativa, sendo que, no re-teste, o maior valor foi apresentado pela dimensão neutra, demonstrando, assim, um certo distanciamento entre os praticantes. No pós-teste, embora com certa equivalência entre os valores, este grupo voltou a apresentar maior frequência de comportamentos positivos. Com maior equilíbrio entre as frequências das três dimensões de comportamentos, o Grupo de Controle "B" apresentou-se com a maior frequência de comportamentos na dimensão neutra, inclusive progredindo gradativamente. Em duas etapas (pré e pós-teste), a dimensão negativa surgiu com o segundo maior valor de frequência, sendo que a dimensão positiva apontou o segundo maior valor no re-teste.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos e registramos os comportamentos de interação social durante os treinos. Constatamos que a prática do handebol

é um campo riquíssimo para vivências sociais e que, através da M.F.I., poderemos obter, nos treinos, níveis mais positivos de comportamentos de interação social em função da: a) maior abertura para participação, não somente na prática, mas na escolha, no planejamento e no desenvolvimento das atividades, oportunizando aos praticantes uma participação mais dinâmica, agradável, prazerosa e espontânea; b) dinâmica de discussão e de reflexão crítica sobre os conflitos ocorridos, com espaço para todos participarem, propiciando maior intensidade nos contatos sociais e, de forma mais positiva, identificando um maior respeito pelos posicionamentos assumidos; c) menor interferência do professor/técnico, levando os praticantes a se incluírem ou, até mesmo, a proporem a constituição de subgrupos; d) maior participação na estruturação das atividades, propondo, experienciando e analisando criticamente as regras, concedendo aos praticantes coresponsabilidade e consciência de que as regras podem ser alteradas – distribuindo mais equitativamente a afetividade em relação às atividades desenvolvidas, diminuindo a ansiedade e adquirindo maior conscientização em função de um objetivo comum entre o professor/técnico e os praticantes. Essas vantagens não ocorrem com a metodologia Tradicional em função da unilateralidade das propostas.

A partir dos resultados obtidos e pela experiência adquirida, que identificou limitações, sugerimos a realização de novas pesquisas neste tema: a) um estudo com maior duração, acompanhando a evolução dos praticantes; b) uma experiência com o sexo feminino e com a formação de turmas mistas; c) adaptação ao treinamento de alto nível/profissionais e d) proposição de estudos em outras modalidades esportivas.

Este estudo, que partiu da sugestão de Bracht, não pretende ser delimitativo e conclusivo. Entendemos que, através dele, avançamos alguns passos quanto à nossa atuação enquanto formadores de futuros indivíduos praticantes ou não de esportes, caminhada que pretendemos compartilhar com outros companheiros.

---

**SPORTS AS A FIELD OF SOCIAL MODE OF LIFE: AN EXPERIENCE IN HANDBALL****ABSTRACT**

This study deals with an investigation on the level of 12-to-13-year-old male students-athletes' sociomotive learning when submitted for comparison to the following methodologies: functional/integrative and traditional. Its objective was eventually to point out the best methodological option for sports learning and especially to verify and compare the sociomotive interaction level of the practitioners submitted to these methodologies. The results led to the conclusion that handball is an important sport for social mode of life and that the functional/integrative methodology offered a better possibility of social interaction than the traditional method in favoring sociomotive learning of the practitioners.

**Key words:** sociomotive learning, interaction, sports practice.

---

**REFERÊNCIAS**

- BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, Valter. **A educação física escolar como campo de vivência social e de formação de atitudes favoráveis à prática do esporte**. 1983. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1983.
- HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- KASLER, Horst. **Handebol: do aprendizado ao jogo disputado**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- MARTINI, K. **Andebol: técnica-tática-metodologia**. Portugal: Publicações Europa-América, 1980.
- MECHIA, J. M. **Handebol: da iniciação ao treinamento**. Curitiba: Livr. Ed. Itaipú, 1981.
- PEREIRA, V. R. **Estudo da influência de um programa desportivo motor centrado no andebol sobre o desenvolvimento psicomotor das crianças em idade escolar (9 e 10 anos)**. 1990. 392 f. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) - Universidade do Porto, FCDEF-UP., Porto, 1990.
- SIMÕES, A. **Handebol: táticas defensivas e ofensivas**. São Paulo: Cia Brasil Ed., [199?].
- TRIVIÑOS, A. N. Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- XAVIER, Telmo. **Métodos de ensino em Educação Física**. São Paulo: Ed. Manole, 1986.

*Recebido em 19/07/01*

*Revisado em 22/08/01*

*Aceito em 5/09/01*

---

**Endereço para correspondência:** Dourivaldo Teixeira, Rua Professor Guido Inácio Bersch, 356, Jardim Universitário, 87020-250, Maringá, PR., Brasil. E-mail: [texa@wnet.com.br](mailto:texa@wnet.com.br)